



41º CONGRESSO  
BRASILEIRO DE  
**Pediatria**  
Florianópolis - SC

**22 A 26**  
**DE OUTUBRO**  
**DE 2024**

CentroSul Florianópolis  
Av. Gov. Getúlio Richard, 850  
Centro - Florianópolis - SC



## Trabalhos Científicos

**Título:** Sífilis Congênita: Perfil Epidemiológico Das Mães Adolescentes No Período De 2013 A 2023

**Autores:** MARIANA DE JESUS CHAGAS LOPES BARBOSA (CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MACEIÓ - UNIMA), PAULO RICARDO MELO SANTOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF), LUNA BARREIRO NUNES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR), LÍVIA MARIA OLIVEIRA FRANCO VIEIRA (CENTRO UNIVERSITÁRIO INTA - UNINTA), DANIELLE DE SOUZA MOMETTO (UNIVERSIDADE POTIGUAR - UNP)

**Resumo:** A Sífilis congênita é transmitida via materno-fetal. Segundo o IBGE, apenas 63,3% dos adolescentes usam preservativo na primeira relação sexual, tornando-se necessária a compreensão dos casos de sífilis congênita transmitida por mães adolescentes. Descrever o perfil epidemiológico de mães adolescentes na sífilis congênita no Brasil. Estudo ecológico, com coleta de dados secundários no DATASUS sobre sífilis congênita no período de 2013-2023. As variáveis utilizadas foram: região, faixa etária da mãe, realização de pré-natal, escolaridade da mãe, classificação final e tratamento do parceiro. Foram consideradas apenas mães com idade entre 10 e 19 anos ao diagnóstico. Foram notificados 239.245 casos de sífilis congênita no período. Notou-se padrão de crescimento de notificações até 2018, seguido por padrão de diminuição até 2022 e uma queda brusca em 2023 de 54,77% (n=2752) em relação ao ano anterior. Quando se visualiza 2013-2023, há uma diminuição geral de 35,1% (n=1229) nas notificações. Os casos compreendidos na faixa etária estudada corresponderam a 22,72% (n=54.358) do total de casos no país, obtendo uma significativa prevalência. A região Sudeste foi a que mais liderou esse cenário, representando 43,38% (n=23.584) em relação às notificações da faixa etária estudada no Brasil. Mais de 95% dos casos de sífilis congênita entre 10-19 anos são classificados como recentes, o que demonstra maior taxa de diagnóstico até 2 anos. A escolaridade predominante das adolescentes com o diagnóstico é da 5ª a 8ª série incompleta do ensino fundamental com 30,56% (n=15.366) do total de mulheres com essa escolaridade e 6,4% do total geral de casos notificados, o que pode indicar uma falta de compreensão do tema. Com relação ao pré-natal, 83,71% (n=45.505) das gestantes adolescentes realizaram acompanhamento pré-natal. Por fim, a respeito do tratamento de parceiros, os dados indicam que 55,56% (n=30.204) não receberam tratamento, o que pode acusar ineficiência dos serviços de saúde e aspectos sociais, como: falta de comunicação entre parceiros, baixa adesão ao esquema terapêutico pela situação socioeconômica, cultural e educacional. Dessa maneira, observa-se variações nos números de casos gerais de sífilis congênita, porém no período de 2013-2023 houve diminuição do número de notificações no intervalo de 10-19 anos. O perfil epidemiológico encontrado foi: maioria residente no Sudeste brasileiro, com escolaridade de 5ª a 8ª série incompletas, realizaram pré-natal, não houve tratamento de parceiros e os bebês foram diagnosticados com sífilis congênita recente. Com isso, é imprescindível que novas medidas de enfrentamento a esses casos sejam adotadas considerando a epidemiologia do problema com o objetivo de diminuir essa incidência.